

O novo paradigma nas Ciências das Religiões: A reação das religiões ao sexo e ao prazer sexual

Michel Nahas Filho¹

Resumo: As ciências da religião têm estudado e classificado as diferentes crenças e religiões de acordo com critérios estabelecidos, paradigmas que permitem olhá-las e classificá-las segundo diferentes critérios. Com o passar do tempo, assuntos que se tornam mais relevantes no período histórico em questão, tem servido como novos paradigmas para esta classificação, conforme estes assuntos tornam-se mais ou menos relevantes. O objetivo deste trabalho é propor a necessidade de se estabelecer um novo paradigma para o estudo comparativo das religiões, ou seja, de se estudar a religião sob o aspecto do tipo de visão (positivo ou negativo) que a religião em questão tem sobre o sexo e o prazer sexual.

Palavras Chave: Religiões, Paradigma, Sexo, Prazer.

Abstract: The field of Religious Sciences have approached and classified different religions and faiths according to established criteria, i.e., paradigms that allow us to look at them and classify them accordingly to those criteria. As time goes by, subjects not formerly taken into consideration become more (or less) relevant to the historical period taken into account. The goal of this work is to propose the need to establish a new study paradigm for the comparative study of religions, according to the type of understanding the specific faith or religion has on sex and the sexual pleasure, if a sex positive view, or a negative one.

Keywords: religions. paradigm. sex. pleasure.

1. Introdução

Muito tem se falado sobre a crescente influência da chamada bancada evangélica em nosso país. O que talvez mais divide e amedronta parte da população, é o crescente conservadorismo de nosso Congresso, o que se reflete na “evolução” de nossa sociedade, a saber, causas como casamento homoafetivo, legalização do aborto, legalização das drogas chamadas leves tipo maconha, eutanásia, adoção por casais do mesmo sexo, legalização da prostituição, isenção de taxas e impostos para comunidades de fé, entre outros temas.

O que causa o bloqueio dessas medidas? Ou melhor, por que a adoção de todas ou algumas dessas medidas, poderiam fazer de nossa sociedade uma sociedade mais evoluída, mais justa, melhor?

Vejamos alguns pontos:

- Devido à crise do vírus da Zica, milhares de crianças estão nascendo com micro-encefalia. Foi proposto que mulheres que se veem grávidas e forem portadoras dessa doença poderiam, por decisão pessoal, interromper a

¹ Master of Arts in Religion - Westminster Theological Seminary (2001). Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

gravidez, evitando às vezes um mal maior a estas famílias, sem contar a carga para toda a vida que essa doença representaria para toda a família, isto quando o pai não abandona a mulher grávida, por temor do que virá para sempre em sua vida.

- As cadeias estão cheias de pessoas que foram presas por portar alguns gramas de maconha. Estes pequenos infratores e infratoras acabam enveredando pelo crime (pois nossas cadeias se tornaram escolas de aperfeiçoamento de crimes), engordando facções como Comando Vermelho ou PCC. Vide recentes acontecimentos no Norte e Nordeste (por enquanto), em nosso país.
- Há muitas crianças em condição de adoção, mas que ninguém deseja adotá-las, pois seus pais as abandonaram por falta de recursos econômicos ou condições psicológicas para criá-las; crianças na maioria das vezes indesejadas, frutos da falta de um programa sério de planejamento familiar.
- Crianças estas que poderiam ser adotadas por casais homoafetivos, que justamente por serem homossexuais, não tem acesso a essas crianças tão necessitadas de um lar.
- Pessoas com doenças terminais, sofrendo de dores insuportáveis, para quem a eutanásia voluntária, poderia ser a solução de seus sofrimentos.
- Prostitutas e prostitutos que poderiam ter sua profissão regulamentada, pagar previdência social, recolher impostos pela sua atividade, e ter dignidade social e previdenciária, sem se colocarem nas mãos de cafetões e cafetinas, que as exploram, por exercer suas atividades na clandestinidade.

E tudo isto por quê? Porque mesmo num estado laico, as lideranças políticas veem-se no direito de impor seus valores religiosos(?) a toda a população. Uma minoria, impondo valores particulares a uma maioria, causando um dano social gigantesco. Como cientista da religião, este é um assunto que deve ser estudado, falado, exposto publicamente, na verdade, pois é aqui e agora, que nossa sociedade está sendo regredida. Um novo paradigma, nas ciências das religiões, se faz necessário, e precisamos estudar as religiões sob este aspecto, para que, talvez, possamos entender o que se quer, o que é abuso ou imposição, e o que é legítimo em nossas vidas.

2. Paradigmas Existentes nas Ciências das Religiões

Em se estudando as religiões e as igrejas, vemos muitos paradigmas sob como entender, comparar e estudar o que se passa nas religiões. Pode-se estudar o assunto sob diversos ângulos, como por exemplo,

- o após morte (grupos e doutrinas, como os que creem na ressurreição ou na reencarnação),
- monoteístas ou politeístas,
- do Ocidente ou do Oriente,
- de direita ou de esquerda,
- conservadores ou liberais,
- mais coletivistas e socialistas *vis-a-vis* individualistas, etc.

Pode-se também encarar sob a ótica da antropologia, da sociologia, da psicologia, da história ou da economia.

O que propomos é um novo paradigma comparativo e em termos de análise e observação dos diferentes grupos e posturas, no que diz respeito à visão sobre o sexo e à legitimação do prazer (sexual), ou seja: por que não encarar as religiões e suas reações e posturas quanto à visão (positiva ou negativa) sobre o sexo e assuntos correlatos?

3. O Elefante na Sala: Sexo e o Prazer Sexual

As questões ligadas ao prazer em geral, especificamente na arena do corpo, e mais ainda na arena do sexo, sempre foram problemáticas para as religiões, as monoteístas pelo menos, que veem no sacrifício pessoal como negação ao “mundo”, no asceticismo, na negação do prazer, uma virtude.

Mas como lidar com o fato, no caso dos prazeres sexuais, serem também criação de Deus para nós? Por que não temos (dado por Deus) um sistema de reprodução onde não existe o prazer? Não faz parte do que somos o prazer sexual que sentimos? De onde afinal vem a negação (religiosa) do prazer? A quem serve, transformar esta discussão em tabu? Se ninguém nasceu sem ter sido gerado através do sexo, ou seja, se o sexo está em nossa própria gênese, por que negá-lo, escondê-lo ou demonizá-lo? Por que, por exemplo, a necessidade de alegorizar os Cânticos dos Cânticos como a relação entre Deus e a Igreja, ao invés de uma linda relação entre dois amantes?

O que os principais cientistas da religião têm a dizer sobre o assunto?

3.1 Em Mircea Eliade

Mircea Eliade, em sua obra talvez mais emblemática, *O Sagrado e o Profano*, dá uma indicação de como o sexo e o prazer sexual é visto nas religiões, mesmo modernas (não estou falando aqui de prostituição cúltica ou ritos religiosos de fertilidade). Ele diz na introdução:

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade, etc. – não é em suma mais que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe,

por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova) . Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer a comunhão com o sagrado. (Eliade, 1992) (14).

Mais tarde, Eliade também indica como a fecundidade, acabou moldando os próprios Deuses e sua mitologia: (63)

Outras forças religiosas entram em jogo: a sexualidade, a fecundidade, a mitologia da mulher e da Terra, etc. A experiência religiosa torna-se mais concreta, quer dizer, mais intimamente misturada à vida. As grandes Deusas Mães e os Deuses fortes ou os gênios da fecundidade são claramente mais “dinâmicos” e mais acessíveis aos homens, do que era o Deus criador.

Sobre a nudez e sua ligação com o sagrado, Eliade diz (67):

O simbolismo da nudez batismal já não é o privilegio da tradição judaico-cristã. A nudez ritual equivale à integridade e à plenitude, o “Paraiso” implica a ausência das vestes, quer dizer, a ausência do “uso” (imagem arquetípica do tempo). Toda nudez ritual implica um modelo atemporal, uma imagem paradisíaca.

Assim Eliade nos dá uma ideia do porquê a associação do sexo não matrimonial, não reprodutivo, começou a ter uma conotação negativa para o cristianismo (e judaísmo); ele diz:

A orgia ritual em favor das colheitas também tem um modelo divino: a hierogamia do deus fecundador com a Terra Mãe. A fertilidade agrária é estimulada por um frenesi genésico ilimitado. De certo ponto de vista, a orgia corresponde à indiferenciação de antes da Criação. É por isso que certos cerimoniais do ano novo comportam rituais orgiásticos: a “confusão” social, a libertinagem e as saturnais simbolizam a regressão ao estado amorfo anterior à Criação do Mundo. A ideia da renovaçãoé encontrada novamente nas encenações orgiásticas agrárias. Aqui também a orgia é uma regressão à Noite cósmica, ao pré-formal , às Águas, a fim de assegurar a regeneração total da Vida, e por consequência, a fertilidade da terra e a opulência das colheitas. (72-73).

Eliade discorre sobre a importância da união sexual para o hinduísmo , em sua versão tântrica, que representam a união da energia cósmica (mulher) e o Espírito (homem). Ele diz: “Já não se trata de um ato fisiológico, mas místico...”(82). A visão no hinduísmo, no entanto, está além do escopo deste trabalho, que trata do mundo cristão (Occidental).

Acho interessante a omissão de Eliade dos ritos *iniciáticos* sexuais masculinos, nas culturas helênicas, entre homens mais velhos e mais novos (portanto homossexuais, ou que exprimem pederastia), o mesmo acontecendo no Sudoeste Asiático até a primeira metade do século 20, em comunidades isoladas daquela região do mundo, por exemplo, na Tailândia. Como vemos, Eliade em *O Sagrado e o Profano*, menciona sim as facetas sexuais nas cosmologias religiosas nas diferentes

culturas pré-cristãs. Por que esta porta não continuou aberta, no sentido paradigmático, nos estudos científicos das religiões?

3.2 Em Rudolf Otto (Otto, 2007)

Aqui precisa-se ter em mente que Otto está expondo sua doutrina do Numinoso; e Numinoso, por definição, é um sentimento ou fenômeno eminentemente transcendente, não material, sensorial mas involuntário, portanto as alusões ao sexo em si serão quase inexistentes. O mesmo não se diria em relação ao prazer, embora a repressão a ambos não é o objeto de sua obra. Marginalmente, encontramos as seguintes posições por ele exprimidas, ainda que toquem na questão (especificamente do prazer sexual) tangencialmente (86-87):

A interpenetração íntima entre os aspectos racionais do sentimento religioso e a trama do irracional pode ser ilustrada por outro caso muito familiar de interpretação entre um sentimento humano comum e uma trama “igualmente irracional”, qual seja, a interpenetração da afeição com a pulsão sexual. Esta, a excitabilidade sexual, encontra-se justamente no lado oposto da razão: enquanto que o numinoso esta “acima de toda razão”, a sexualidade encontra-se abaixo da razão, sendo elemento da vida das pulsões e dos instintos; enquanto aquele desce de cima para o racional, a sexualidade penetra vindo de baixo, da natureza animal geral do ser humano, para o âmbito humano mais elevado, de modo que neste caso os objetos comparados se encontram em lados totalmente opostos da humanidade; mas no centro, na conexão entre si, eles se correspondem.

Ele também afirma que (37) apesar de Kant, o termo *heilig* (santo ou sagrado) inicialmente não implicava de forma alguma o aspecto moral. O termo *numinoso* foi cunhado para separar o sagrado do aspecto moral, normalmente entendido neste.(38)

Mais para frente na sua obra, Otto diz que(198): “O evangelho de Jesus caracteriza-se pela reação contra o farisaísmo e, com isso, pelo ideal de uma religiosidade como atitude e estado de espírito de uma criança, em função da culpa perdoada”

Quanto ao Islã (embora o mesmo não faça parte do escopo deste trabalho), ele menciona o fato de que, em suas palavras (198): “Anseio por ‘salvação’ e experiência da mesma é também o islã, e não só ‘em esperança’, em termos de prazer do paraíso”

Como vemos, Otto não tem uma visão pessimista quanto ao prazer sexual, seja nesta vida, seja no “paraíso”.

3.3 Em Max Weber

Talvez a obra mais importante para nós de Weber seja *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na qual apesar de descrever as implicações econômicas do protestantismo, mais especificamente, do Puritanismo Calvinista, ele faz menção do corpo e os prazeres associados ao mesmo, no capítulo IV . (46):

Juntamente com as rígidas doutrinas da absoluta transcendência de Deus e da corrupção de qualquer coisa que pertencesse à carne, este

isolamento interior do indivíduo contém, por um lado, o motivo da atitude completamente negativa do puritanismo quanto a todos os elementos sensoriais e emocionais na cultura e na religião, pois não tinham utilidade para a salvação e promoviam ilusões sentimentais e superstições idólatras. Assim estava preparada uma base para um antagonismo fundamental para com qualquer espécie de cultura sensualista (Weber)

O crente religioso pode assegurar se do seu estado de graça quer se sentindo como recipiente do Espírito Santo, quer se sentindo instrumento da vontade divina. No primeiro caso, sua vida religiosa tenderá para o misticismo e para a emotividade, e no segundo, para a ação ascética; Lutero está mais próximo do primeiro tipo, enquanto Calvino pertenceu definitivamente ao segundo. (50) [ênfases e grifos meus]

Tal comportamento ascético vai se refletir marcadamente na herança de “modéstia” (sexual) implantada pelo Vitorianismo (erradamente chamado de puritanismo) na revolução industrial, que veio a moldar a ética sexual das igrejas de origem anglo-americanas, também no Brasil. Prova desta influência em termos de moral sexual e de costumes (também com relação ao uso do álcool e do tabaco), são muito menos intensas nas igrejas de origem continental-europeias.

Como exemplo, ele dá o caso da ética dos Batistas (68):

Eles [Batistas] repudiavam absolutamente toda idolatria à carne como uma detração à reverência que era devida só a Deus.” O modo de vida bíblico foi concebido pelos primeiros batistas suíços e da Alemanha do sul com um radicalismo semelhante ao do jovem S. Francisco, como uma rigorosa ruptura com toda alegria de viver, uma vida moldada diretamente na dos apóstolos. [ênfases e grifos meus]

Embora devamos considerar que toda vez que Weber fala da ética e asceticismo dos crentes ele está se referindo a fatores econômicos, podemos, sem temor, extrapolar estes princípios básicos mencionados para questões de comportamento sexual ou bioética. Estas palavras de Weber (p. 71) atestam esse ponto: “Com todas as diferenças de ênfase e detalhes mostradas por estes movimentos ascéticos nos aspectos tivemos em foco, muitas características comuns estão presentes e importantes em todos eles.”

Especificamente sobre a ética sexual como expressão do asceticismo, Weber escreve no capítulo V (75):

O ascetismo sexual do puritanismo difere apenas no grau daquele monástico, mas não no princípio; e de acordo com a concepção puritana do casamento, sua influência prática é de muito maior alcance do que este. Por isso as relações sexuais, mesmo no casamento, só são permitidas apenas como meio desejado por Deus para aumentar Sua glória, de acordo com o mandamento “Crescei e multiplicai-vos”. Ao lado de uma dieta vegetariana e de banhos frios, contra todas as tentações sexuais é usada a mesma prescrição adotada contra as dúvidas religiosas e o sentido de indignidade moral: “Trabalhe com vigor na tua vocação”. Mas, a coisa mais importante é que, acima de tudo, o trabalho veio a ser considerado em si, como a própria finalidade da

vida, ordenada por. Deus. Nas palavras de S. Paulo, quem não trabalha não deve comer valem incondicionalmente para todos. A falta de vontade de trabalhar é sintoma da falta de graça.

E continua (80), apoiando o ponto que fizemos quanto a ética sexual continental:

...na Holanda, uma arte muitas vezes singularmente realista, prova apenas o quão pouco a disciplina moral autoritária daquele país foi capaz de se contrapor à influência da Corte e dos dirigentes (classe dos rendeiros), e também à alegria de viver dos burgueses novos ricos, após a curta supremacia da teocracia calvinista ter se transformado na moderada Igreja de Estado, na qual o calvinismo perdera, visivelmente, o seu poder de influência ascética. O teatro era detestável para os puritanos, e com a estrita exclusão do erótico e da nudez da esfera da tolerância, não poderia existir uma visão tão radical tanto da literatura como da arte. O conceito de conversa fiada, futilidades e vã ostentação, todas elas designações de uma atitude irracional sem propósito objetivo, portanto não ascético, e especialmente que não servem à glória de Deus, mas ao homem, estava sempre disponível para decidir a favor da sóbria utilidade e contra as tendências artísticas. E isto era especialmente verdadeiro no caso da decoração pessoal, por exemplo no vestuário. A forte tendência para a uniformidade da vida, que hoje ajuda imensamente o interesse capitalista na padronização da produção teve seu fundamento ideal no repúdio de toda idolatria à carne.

Esta política nos Países Baixos, reflete-se até hoje na Holanda, em termos de ética sexual (legalidade da prostituição, por exemplo), como a existência de casamento legalizado para população LGBTs e legalização da eutanásia, do uso recreativo da maconha e haxixe, aborto legalizado, etc.

3.4 Em Émile Durkheim (Durkheim, 2008)

Durkheim, um dos primeiros cientistas da religião, escreveu sobre o sistema totêmico das religiões australianas. Ele foi um sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Seu objetivo foi descrever como religiões primitivas possuíam crenças e rituais que na verdade estavam, na sua visão, presentes de uma maneira ou outra em todas as religiões, mesmo as mais elaboradas. É como se uma religião para ser considerada como tal, deveria ter, ainda que à primeira vista, de uma maneira não detectável, estes elementos.

Não se deve, portanto, simplesmente transplantar, estes atos e rituais para, nosso monoteísmo, mas observar como estas “Formas Elementares” se encontram, ou pelo menos influenciam, até hoje nossa fé.

No que diz respeito ao prazer sexual, ou os tabus (termo aparentemente instituído pelo próprio Durkheim) associados ao sexo, temos os seguintes textos em seu livro, que serão relevantes ao nosso assunto, como segue:

Conclui-se, então, que o asceticismo não é, como se poderia acreditar, fruto raro, excepcional e quase anormal da vida religiosa; ao contrário, é elemento essencial dela. Toda religião o contém pelo menos em

germe, porque não existe nenhuma religião na qual não se encontre sistema de proibições. Sob esse aspecto, a única diferença que ocorre entre os cultos é o nível de desenvolvimento desse germe. (377) [ênfases e grifos meus]

Falando sobre o valor do asceticismo e dos sacrifícios, Durkheim diz:

Essa é a função histórica dos grandes ascetas. Quando analisamos pormenorizadamente os seus feitos e gestos, perguntamo-nos qual pode ser o seu fim útil. Choca-nos o que há de exagero no desprezo que professam por tudo o que ordinariamente apaixona os homens. Mas esses exageros são necessários para manter nos fiéis suficiente desprezo pela vida fácil e pelos prazeres comuns. [ênfases e grifos meus]

E continua:

É preciso que uma minoria coloque o objetivo bastante alto para que a multidão não o coloque baixo demais. É preciso que alguns exagerem para deixar a média permaneça no nível conveniente.

Mas o asceticismo não serve unicamente para fins religiosos. Aqui, como alhures, os interesses religiosos não são senão a forma simbólica de interesses sociais e morais. (382)

[...] Assim há um asceticismo que, inerente à toda a vida social, é destinado a sobreviver a todas as mitologias e a todos os dogmas; ele é parte integrante de toda a cultura humana. [grifos e ênfases meus]

4. A História da Repressão Religiosa do Sexo

Esta repressão ao prazer e ao sexo não é, no entanto, característica do nosso tempo. Sempre houve nas religiões posições restritivas, a ponto de fazer desta repressão, uma das características de e em todas as religiões. Mas mesmo as religiões consideradas no Ocidente como muito conservadoras, têm aspectos desta agenda que nos chocariam pela sua liberalidade, por exemplo:

- No islã o aborto é legal.
- No islã e no Mormonismo original (e alguns grupos hoje), a poligamia é legal.
- No Islã, o divórcio é muito facilitado se partir do homem (obviamente um comportamento misógino).
- Alguns grupos Batistas são afirmativos às sexualidades alternativas (LGBTs).
- A existência de celibato para sacerdotes não existe na Igreja Ortodoxa, para aqueles que não abraçam a vida monástica.

- Enquanto na vida porvir o corpo de cristão será glorificado, assexuado e não tendo ou sendo mais matéria, não havendo pois sexo nesta nova vida (Mat 22:30), no islã cada homem receberá virgens (Alcorão 56: 12-40):

E se deitarão sobre leitos incrustados com pedras preciosas, frente a frente, onde lhes servirão jovens de frescores imortais com taças e jarras cheias de vinho que não lhes provocará dores de cabeça nem intoxicação, e frutas de sua predileção, e carne das aves que desejarem. E deles serão as huris [virgens] de olhos escuros, castas como pérolas bem guardadas, em recompensa por tudo quanto houverem feito. (...) Sabei que criamos as huris para eles, e as fizemos virgens, companheiras amorosas para os justos.

Como vemos não necessariamente o que julgamos no Ocidente como uma forma de repressão ao prazer e ao sexo, é também tido como tal em outras regiões do mundo.

5. O Novo Paradigma nas Ciências da Religião: Como Reação à Questões ligadas ao Sexo e Prazer Sexual

Como hoje esta é uma das mais agudas divisões que se tem nas religiões cristãs pelo mundo, e considerando-se o fato de que estas questões estão chegando ao nosso país, e ainda mais importante, considerando-se que estas questões tem liderado a pauta da chamada Bancada Evangélica em nosso congresso, achei por bem sugerir que, seja com um enfoque antropológico, seja com um enfoque sociológico ou político, mas sobretudo numa discussão de caráter da ética cristã, a questão passe a ter um papel protagonista nas ciências das religiões.

6. Conclusão

É necessário que tenhamos paradigmas que nos permitam estudar as religiões sob pontos de vista que sejam relevantes no momento histórico atua, seja mundialmente, ou nacionalmente falando.

Hoje, a posição dos atores religiosos, têm se tornado significativos para o estudo das religiões e práticas religiosas, seja em nosso país, seja no mundo. Acho pessoalmente, que este parâmetro tem, ou vai se tornar, mais importante que a própria questão pós-colonial, ou mesmo de libertação econômica, pois ver o sexo e o prazer sexual como pecado, tem uma consequência que vai além da economia, pois “pega” todo mundo. Independente de se ser branco ou negro, pobre ou rico, homem ou mulher, TODOS estaremos afetados por estas questões, para o bem, ou para o mal.

Espero ter contribuído assim, para chamar atenção destes fatores, como no mínimo, tão importante quanto as outras questões e paradigmas, no “mercado” acadêmico, na área das religiões.

Bibliografia

Chauí, M. (1991). *Repressão Sexual: Esta Nossa Desconhecida*, 12ª Ed. São Paulo: Brasiliense.

Durkheim, É. (2008). *As Formas elementares de Vida Religiosa*. São Paulo: Paulus.

Eliade, M. (1992). *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

Otto, R. (2007). *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal.

Weber, M. (s.d.). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (2ª Ed. Revista)*. São Paulo, SP, Brasil: Pioneira.

Recebido para publicação em 08-09-17; aceito em 09-10-17